

**Percepções de Estudantes do Ensino Fundamental sobre Conceitos,
Causas e Dificuldades de Estudantes com Transtorno de Espectro
Autista na Escola**

**Perceptions of Elementary School Students about the Concepts, Causes,
and Challenges Faced by Students with Autism Spectrum Disorder in
School**

**Percepciones de estudiantes de Educación Primaria sobre los conceptos,
causas y dificultades de estudiantes con Trastorno del Espectro Autista
en la escuela**

Larissa Ferreira Rodrigues¹

Maewa Martina Gomes da Silva e Souza²

Resumo

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição de neurodesenvolvimento que tem recebido cada vez mais visibilidade, tanto no contexto educacional quanto no terapêutico. Embora amplamente discutido, o conceito de TEA permanece complexo e desafiador para uma definição precisa. Este estudo teve como objetivo analisar as percepções de 103 estudantes do Ensino Fundamental sobre o Transtorno do Espectro Autista. Participaram da pesquisa alunos do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental de escolas públicas localizadas no interior do Estado de São Paulo. Para orientar o estudo e captar as perspectivas dos participantes, utilizou-se um questionário composto por três perguntas. Os resultados indicaram que os alunos, especialmente os mais jovens, apresentaram dificuldades em formular uma compreensão adequada sobre o autismo, destacando a necessidade de projetos pedagógicos que auxiliem crianças e adolescentes na construção de concepções mais fundamentadas sobre essa condição.

¹ Pedagoga pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Unesp/Marília. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5597101472976001>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-8381-8136>. E-mail: lf.rodriques@unesp.br.

² Professora Assistente Doutora no Departamento de Educação e Desenvolvimento Humano da Unesp/Marília. Vice-Líder do Grupo de Pesquisa "Diferença, Desvio e Estigma", da Unesp e é integrante do Observatório de Redes de Apoio à Inclusão Escolar (OIEEI). Docente no Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional (Profei), oferecido pela UNESP e no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Processos Formativos, oferecido pelo IBILCE, Câmpus de São José do Rio Preto. Doutora e mestra na linha de Educação Especial pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). Especialista em Atendimento Educacional Especializado. Pedagoga com habilitação em Deficiência Intelectual, Psicopedagogia Clínica e Institucional (INDEP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3354301214646268>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4322-3100>. E-mail: maewa.martina@unesp.br.

Palavras-Chave: Transtorno do Espectro Autista. Concepções de Deficiência. Inclusão Escolar. Ensino Fundamental.

Abstract

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental condition that has been gaining increasing visibility in both educational and therapeutic contexts. Despite being widely discussed, the concept of ASD remains complex and challenging to define precisely. This study aimed to analyze the perceptions of 103 elementary school students regarding Autism Spectrum Disorder. Participants included students from 1st to 9th grade in public schools located in the interior of the State of São Paulo, Brazil. A questionnaire consisting of three questions was used to guide the study and capture the participants' perspectives on the subject. The results indicated that the students, especially younger ones, had difficulties formulating an adequate understanding of autism, highlighting the need for pedagogical projects to assist children and adolescents in constructing more informed conceptions about this condition.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Conceptions of Disability. School Inclusion. Elementary School.

Resumen

El Trastorno del Espectro Autista (TEA) es una condición del neurodesarrollo que ha ganado cada vez más visibilidad tanto en el contexto educativo como terapéutico. A pesar de ser ampliamente debatido, el concepto de TEA sigue siendo complejo y difícil de definir con precisión. Este estudio tuvo como objetivo analizar las percepciones de 103 estudiantes de educación primaria con respecto al Trastorno del Espectro Autista. Participaron en el estudio estudiantes de 1.º a 9.º grado de escuelas públicas ubicadas en el interior del Estado de São Paulo, Brasil. Se utilizó un cuestionario compuesto por tres preguntas para guiar el estudio y captar las perspectivas de los participantes sobre el tema. Los resultados indicaron que los estudiantes, especialmente los más jóvenes, presentaron dificultades para formular una comprensión adecuada sobre el autismo, lo que evidencia la necesidad de proyectos pedagógicos que ayuden a niños y adolescentes a construir concepciones más fundamentadas sobre esta condición.

Palabras clave: Trastorno del Espectro Autista. Concepciones de Discapacidad. Inclusión Escolar. Educación Primaria.

Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição de neurodesenvolvimento que tem recebido atenção crescente nos âmbitos educacional e terapêutico, em função de sua complexidade e impacto na vida das pessoas que apresentam a condição e de suas famílias. O TEA é caracterizado por *déficits* na comunicação e interação social, assim como por padrões de comportamentos, interesses e atividades restritos e repetitivos (APA, 2014). A identificação dessas características é

essencial para que sejam planejados atendimentos e estratégias adequadas às necessidades individuais de cada pessoa com autismo considerando os diferentes níveis de suporte que podem ser necessários em diversos momentos da vida.

É importante destacar que o TEA não se manifesta de forma linear ou uniforme. Cada indivíduo no espectro apresenta um perfil único de desenvolvimento, marcado por avanços e retrocessos que reforçam a importância de um acompanhamento contínuo e especializado. As intervenções destinadas a essas pessoas precisam ser orientadas por planos terapêuticos bem estruturados, com objetivos claros e fundamentados em evidências científicas.

Gaiato (2022) salienta que essas ações devem estar voltadas para estimular áreas específicas do cérebro, com vistas a desenvolver habilidades que auxiliem as pessoas com autismo a superarem os *déficits* apresentados. Nesse contexto, o acompanhamento interdisciplinar, que contempla tanto o ambiente terapêutico quanto o escolar, torna-se essencial para garantir avanços consistentes e significativos.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), publicado pela Associação Americana de Psiquiatria (APA) em 2013, tem auxiliado na identificação e classificação de condições como o TEA. Essa edição do manual incorporou diagnósticos anteriormente tratados de forma isolada, como a Síndrome de Asperger e o Transtorno Desintegrativo da Infância, no espectro autista, oferecendo uma abordagem mais unificada. Essa reorganização visou aumentar a precisão e a consistência dos diagnósticos, proporcionando uma base sólida para as práticas clínicas e para a pesquisa científica (APA, 2014). Contudo, a correta aplicação dessas classificações exige que profissionais qualificados conduzam avaliações detalhadas e criteriosas, especialmente em crianças e adolescentes, tanto no contexto terapêutico quanto no escolar.

No estudo conduzido por Martins e Camargo (2023), foram implementadas estratégias como reforço positivo, rotina visual e estímulo aos pares, que não apenas favoreceram o engajamento de alunos com TEA, mas também promoveram a formação continuada de educadores, preparando-os para adaptar práticas pedagógicas e fomentar interações inclusivas no ambiente escolar.

Apesar do avanço nas estratégias de inclusão, a sensibilização dos colegas de sala de aula também é um aspecto fundamental para garantir a integração plena de alunos com autismo. Souza (2014) aponta que, embora as crianças no espectro estejam, em muitos casos, inseridas no contexto escolar, ainda existem lacunas significativas no que se refere ao conhecimento e às práticas inclusivas. Nesse sentido, é necessário ampliar não apenas

a formação de professores, mas também o entendimento dos próprios alunos sobre o TEA. Questões como até que ponto os colegas compreendem o espectro, ouviram falar sobre ou convivem com alguém no espectro precisam ser investigadas para que a inclusão seja verdadeiramente significativa.

No Brasil, estudos sobre as concepções de crianças e adolescentes acerca do Transtorno do Espectro Autista (TEA) ainda são escassos (Brito; Omote, 2014; Dias, 2023). Contudo, esses estudos revelam-se fundamentais para compreender como esses estudantes percebem e interagem com colegas autistas. Pesquisas realizadas em escolas públicas têm destacado a urgência de desenvolver programas de conscientização voltados à promoção da empatia e da inclusão. Adicionalmente, iniciativas que abordam o tema no contexto pedagógico, especialmente por meio de atividades lúdicas e interativas, têm demonstrado resultados promissores. Essas ações contribuem para sensibilizar os alunos acerca da diversidade, fomentando uma cultura escolar baseada no respeito e no acolhimento (Dias; Souza; Conceição, 2024).

Nesse contexto, os resultados apresentados neste estudo buscam ampliar esse debate, ao analisar as percepções de 103 estudantes do Ensino Fundamental sobre o TEA. O trabalho tem como objetivos específicos: 1) Investigar como os estudantes compreendem os conceitos relacionados ao TEA; 2) Identificar as percepções desses estudantes sobre as possíveis causas do transtorno; e 3) Analisar como os estudantes percebem as dificuldades enfrentadas por colegas com TEA no ambiente escolar.

Método

Participantes

O estudo contou com a participação de 103 alunos de escolas do Ensino Fundamental, distribuídos entre os Anos Iniciais e Finais, em uma cidade do interior do estado de São Paulo. Participaram 63 alunos do 1º ao 5º ano e 40 alunos do 6º ao 9º ano, representando uma amostra diversificada em termos de faixa etária e etapas escolares, o que permitiu uma análise comparativa entre diferentes níveis de maturidade e experiência.

Material

O instrumento utilizado foi o questionário desenvolvido por Souza (2010), adaptado para investigar as concepções de crianças e adolescentes sobre diferentes tipos de deficiência, incluindo deficiência física, visual, auditiva e intelectual, além de superdotação e autismo. O questionário aborda questões sobre as causas dessas condições,

suas implicações, e as experiências de interação dos participantes com pessoas que apresentam essas características.

O questionário completo é composto por 24 questões, que buscam compreender o que os alunos sabem sobre esses indivíduos, suas percepções e a natureza de seus vínculos e interações, tanto no ambiente escolar quanto fora dele. Para o presente estudo, no entanto, foram analisadas apenas três questões relacionadas ao autismo. As demais temáticas, dedicadas às outras deficiências, foram excluídas para esta análise específica e direcionadas a estudos paralelos conduzidos por outros pesquisadores.

Aspectos éticos, procedimento de coleta e análise de dados

O estudo integra um projeto de pesquisa em andamento e foi conduzido em conformidade com as normas éticas estabelecidas pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), garantindo o respeito aos direitos e à integridade dos participantes (número do processo 0542/2012).

Após a autorização da direção e coordenação escolar, foram encaminhados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos responsáveis legais pelos alunos e os Termos de Assentimento às próprias crianças e adolescentes. A participação foi voluntária, sendo assegurado que, caso qualquer uma das partes (responsáveis ou alunos) optasse por não participar, a coleta de dados não seria realizada (Souza, 2019).

Com as autorizações devidas, os alunos foram convidados individualmente para participarem da pesquisa, vale ressaltar que a referida coleta ocorreu no ano de 2018. Durante esse processo, receberam explicações detalhadas sobre os objetivos do estudo, os procedimentos adotados e as garantias de confidencialidade, conforme preconizado pelas diretrizes éticas (Souza, 2019).

Para a análise das respostas, foram estabelecidas categorias baseadas em critérios definidos por Souza (2010, 2014, 2019). As respostas dos participantes sobre o conceito de autismo foram classificadas em quatro categorias principais: "desconhecimento" (quando o aluno não apresentava qualquer informação sobre o autismo), "ideia fantasiosa" (quando apresentava concepções sem base científica ou com forte componente imaginativo), "informação equivocada" (quando demonstrava alguma compreensão, mas com erros conceituais) e "resposta favorável" (quando demonstrava conhecimento adequado ou alinhado ao que se sabe sobre o autismo). Essas categorias permitiram uma análise qualitativa do entendimento dos participantes sobre o tema.

Após a coleta, as respostas foram transcritas e analisadas com base na categorização proposta pelas pesquisadoras. A classificação foi realizada por dois pesquisadores independentes para garantir maior confiabilidade nos resultados, e eventuais discordâncias foram resolvidas por consenso. As análises buscaram identificar padrões de compreensão sobre o autismo, bem como possíveis diferenças relacionadas à faixa etária e ao ciclo escolar dos participantes.

Esse rigor metodológico permitiu não apenas compreender as concepções das crianças e adolescentes sobre o autismo, mas também levantar reflexões sobre como essas concepções podem influenciar a interação com colegas no espectro, além de fornecer subsídios para intervenções educacionais e campanhas de conscientização voltadas para o ambiente escolar.

Resultados e Discussão

Apresentamos os quadros com amostras das respostas oferecidas pelos alunos sobre o conceito de autismo, separadas por cada ano escolar e segmento.

Quadro 1 — Amostras das respostas dadas pelos participantes do Ensino Fundamental Anos Iniciais acerca do conceito de Autismo

GRUPOS	RESPOSTAS ANOS INICIAIS
G1	G1P2 — Não sei.
G2	G2P1 — Não sei.
G3	G3P2 — Não sei
	G3P6 – Deficiente ³
G4	G4P1 – Não sei
G5	G5P8 – Não sei

Fonte: Elaboração própria.

O próximo quadro, conta com as respostas dos participantes do Ensino Fundamental Anos Finais, sobre o conceito do autismo.

³ Mantivemos a ortografia original utilizada pelos participantes do estudo.

Quadro 2 — Amostras das respostas dadas pelos participantes do Ensino Fundamental Anos Finais acerca do conceito de Autismo

GRUPOS	RESPOSTAS ANOS FINAIS
G6	G6P1 – Não sei G6P4 – Fala tudo o que vem na cabeça sem pensar
G7	G7P1 – Não sei
	G7P11 – Mandona e exigente
G8	G8P2 – Não sei G8P7 – Uma pessoa que tem sensibilidade e não gosta que cheguem perto
G9	G9P2 – Não sei G9P5 – Ela precisa de uma auxiliar para ajudá-la

Fonte: Elaboração própria.

Nos quadros apresentados, as respostas dos estudantes foram organizadas conforme os anos escolares, separando-se entre os Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental, e classificadas em categorias conforme o tipo de resposta. Essa categorização permite observar o nível de conhecimento e as concepções dos alunos sobre o autismo em diferentes etapas do desenvolvimento escolar.

No primeiro quadro, que se refere aos alunos dos Anos Iniciais, nota-se que a maioria apresenta desconhecimento ou ideias fantasiosas sobre o conceito de autismo. No segundo quadro, correspondente aos alunos dos Anos Finais, é evidente um aumento de respostas favoráveis, indicando maior conhecimento e entendimento mais alinhado aos fatos sobre o autismo.

Esse contraste entre os grupos sugere que o desenvolvimento cognitivo, aliado à progressão educacional e às experiências acumuladas, desempenha um papel fundamental na construção de uma compreensão mais elaborada de conceitos como o autismo. Conforme Souza (2014), estudantes a partir da pré-adolescência tendem a aprimorar sua capacidade de interpretar e compreender diferenças e características associadas a condições como o TEA, refletindo o impacto do crescimento social, cognitivo e afetivo.

O desenvolvimento humano, influencia diretamente a forma como as crianças e adolescentes processam e compreendem conceitos complexos. Piaget (1976) descreve que, na transição para o estágio das operações concretas e formais, por volta dos 11 ou 12 anos, os indivíduos começam a realizar análises mais abstratas e sistemáticas. Nesse

estágio, tornam-se capazes de relacionar informações de diferentes fontes, refletir sobre elas e formar concepções mais maduras.

Vygotsky (1989) enfatiza a importância do contexto sociocultural e das interações sociais na aprendizagem e no desenvolvimento de conceitos. A convivência escolar, o acesso às informações e o diálogo com professores e colegas são elementos cruciais para o desenvolvimento das concepções, incluindo a percepção de condições como o autismo. Dessa perspectiva, as respostas mais favoráveis dos alunos dos Anos Finais podem ser compreendidas como fruto de uma maior exposição às informações sobre inclusão e diversidade no decorrer de sua trajetória escolar.

Nesse sentido, o desenvolvimento cognitivo e social alcançada ao longo do tempo, favorece não apenas o entendimento sobre o autismo, mas também uma análise mais empática sobre as diferenças, potencializando o convívio escolar inclusivo. Isso reflete a importância de intervenções educacionais desde a Educação Infantil para que a sensibilização e o conhecimento sobre o autismo sejam disseminados desde cedo, reduzindo preconceitos e promovendo uma cultura escolar inclusiva.

A seguir, apresentamos a tabela com as categorias e a porcentagem das respostas fornecidas pelos estudantes, detalhando essas nuances de entendimento conforme o avanço escolar e o desenvolvimento individual.

Tabela 1 - Frequência das respostas apresentadas por categorias – Ensino Fundamental Anos Iniciais

CATEGORIAS	G1	G2	G3	G4	G5	T	%
<i>Desconhecimento</i>	8	13	7	15	13	56	88%
<i>Ideia fantasiosa</i>	0	0	0	0	0	0	0%
<i>Inf. Equivocada</i>	3	0	2	0	1	6	10%
<i>Resp. favorável</i>	0	0	1	0	0	1	2%
TOTAL	11	13	10	15	14	63	100%

Fonte: Elaboração própria.

Como pode-se observar, o desconhecimento domina o número de respostas, sugerindo que os alunos tiveram pouco convívio com crianças com TEA ou apenas ainda apresentam dificuldades na hora de descrever o conceito, tendo em vista a complexidade dele.

Tabela 2 - Frequência das respostas apresentadas por categorias – Ensino Fundamental Anos Finais

CATEGORIAS	G6	G7	G8	G9	T	%
<i>Desconhecimento</i>	7	10	6	6	29	73%
<i>Ideia fantasiosa</i>	0	0	0	0	0	0 %
<i>Inf. Equivocada</i>	3	2	0	0	5	13%
<i>Resp. favorável</i>	0	0	4	2	6	14%
TOTAL	10	12	10	8	40	100%

Fonte: Elaboração própria.

Nesta tabela, podemos observar a presença da categoria respostas favoráveis, o que sugere uma maior capacidade dos alunos com mais idades de perceber e compreender o conceito de autismo de forma mais precisa e fundamentada.

Na Tabela 3, apresentamos a unificação das categorias “desconhecimento”, “ideia fantasiosa” e “informação equivocada”, formando uma nova categoria denominada respostas desfavoráveis. Essa reorganização foi realizada com o objetivo de evidenciar, de maneira mais clara, a proporção entre respostas desfavoráveis e favoráveis, permitindo uma melhor representação das concepções apresentadas pelos alunos até o momento.

Tabela 3 - Frequência oriunda da junção das categorias – Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Categorias	G1	G2	G3	G4	G5	Total	%
<i>Respostas desfavoráveis</i>	11	13	9	15	14	62	98%
<i>Respostas favoráveis</i>	0	0	1	0	0	1	2%
Total	11	13	10	15	14	63	100%

Fonte: Elaboração própria.

Na Tabela 4 apresentamos as respostas favoráveis e desfavoráveis dos alunos participantes do Ensino Fundamental Anos Finais.

Tabela 4 - Frequência oriunda da junção das categorias – Ensino Fundamental Anos Finais

Categorias	G6	G7	G8	G9	Total	%
<i>Respostas desfavoráveis</i>	10	12	6	2	30	75%
<i>Respostas favoráveis</i>	0	0	4	6	10	25%

Total	10	12	10	8	40	100%
--------------	----	----	----	---	----	------

Fonte: Elaboração própria.

Como o autismo não apresenta características físicas evidentes, é compreensível que sua percepção seja mais desafiadora para os estudantes. Identificar traços do espectro autista geralmente exige uma interação direta e uma observação mais detalhada do comportamento e das formas de comunicação da pessoa. Essa dificuldade pode explicar a predominância da categoria respostas desfavoráveis nas duas tabelas, indicando que a compreensão dos alunos ainda é limitada ou baseada em conceitos equivocados.

Segundo Souza (2014), a ausência de sinais visíveis ou marcadores físicos em condições como o autismo torna sua identificação dependente de informações prévias ou vivências específicas, o que reforça a importância de ações educativas que promovam a conscientização e o entendimento sobre o tema. A partir dessa perspectiva, é essencial que as escolas se tornem espaços de diálogo e aprendizado inclusivo, ajudando os estudantes a desenvolverem uma compreensão mais aprimorada das diferenças e necessidades individuais.

No próximo quadro, apresentamos os resultados da segunda pergunta feita aos participantes: “Por que alguma criança se torna autista?”. A análise segue as mesmas categorias estabelecidas anteriormente, buscando avaliar as concepções dos alunos sobre as possíveis causas do autismo.

Quadro 3 — Amostras das respostas dadas pelos participantes do Ensino Fundamental Anos Iniciais acerca das causas do Autismo

GRUPOS	RESPOSTAS ANOS INICIAIS
G1	G1P3 — Ela vai ficando jovem e cresce assim.
G2	G2P9 — Poque ela vai crescendo e fica alta.
G3	G3P2 — Não sei
	G3P4 – Não sei
G4	G4P15 – Elas já nace.
G5	G5P7 – Ela nasceu assim.

Fonte: Elaboração própria.

Como podemos observar, a maioria dos alunos ainda não conhece a causa do autismo, interpretando o espectro de maneira equivocada, frequentemente associando-o a

aspectos como estatura ou crescimento físico da criança, tal fato é compreensível, considerando que mesmo para adultos essa é uma questão complexa e sem consenso.

Embora alguns alunos demonstrem uma compreensão mais precisa, reconhecendo que o indivíduo nasce dentro do espectro, é importante esclarecer que as características do autismo se tornam mais perceptíveis à medida que a criança cresce e manifesta comportamentos mais específicos e característicos.

A seguir, apresentamos os resultados da segunda pergunta, organizados conforme as mesmas categorias utilizadas anteriormente, agora respondidas pelos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental.

Quadro 4 — Amostras das respostas dadas pelos participantes do Ensino Fundamental Anos Iniciais acerca das causas do Autismo

GRUPOS	RESPOSTAS ANOS FINAIS
G6	G6P1 — Por nascença
G7	G7P4 — Não sei.
G8	G8P5 — Ela já nasce assim, ou porque o cérebro não se desenvolveu.
	G8P10 – Não sei
G9	G9P3 – Por nascença ela já nasceu assim, as vezes é genética.

Fonte: Elaboração própria.

Como podemos observar, os alunos matriculados nos anos finais do Ensino Fundamental ainda demonstram certo desconhecimento, mas apresentam algum nível de entendimento sobre as possíveis causas do autismo, com respostas que associam a condição ao nascimento.

A seguir, apresentamos a frequência das respostas fornecidas pelos alunos, permitindo uma visualização mais clara dos padrões encontrados em suas falas.

Tabela 5 - Frequência das respostas apresentadas por categorias – Ensino Fundamental Anos Iniciais

CATEGORIAS	G1	G2	G3	G4	G5	T	%
<i>Desconhecimento</i>	10	13	9	14	13	59	94%
<i>Inf. Equivocada</i>	1	0	1	0	0	2	3%
<i>Resp. favorável</i>	0	0	0	1	1	2	3%

TOTAL	11	13	10	15	14	63	100%
--------------	----	----	----	----	----	----	------

Fonte: Elaboração própria.

O número de desconhecimento ainda prevalece como o maior dos resultados nos anos iniciais. Na Tabela 6 veremos a frequência das respostas dos alunos do 6º ao 9º ano.

Tabela 6 - Frequência das respostas apresentadas por categorias – Ensino Fundamental Anos Finais

CATEGORIAS	G6	G7	G8	G9	T	%
<i>Desconhecimento</i>	9	10	6	3	28	70%
<i>Inf. Equivocada</i>	0	0	0	1	1	3%
<i>Resp. favorável</i>	1	2	4	4	11	28%
TOTAL	10	12	10	8	40	100%

Fonte: Elaboração própria.

Em nosso estudo, os alunos demonstraram dificuldade em apresentar explicações sobre a causalidade do autismo, com uma compreensão mais sólida apenas entre os alunos do 8º e 9º anos, conforme esperado para essa faixa etária.

Estudos similares revelam que, em contextos semelhantes, participantes da mesma faixa etária frequentemente fornecem respostas mais elaboradas, sugerindo que o contexto social e o contato prévio com pessoas autistas desempenham um papel relevante na formação de suas concepções. De acordo com Dias, Souza e Conceição (2024), crianças e adolescentes apresentam ideias variadas sobre as causas do autismo, frequentemente influenciadas por informações simplificadas, crenças populares ou falta de conhecimento especializado. Muitas vezes, esses jovens acreditam que o autismo decorre de fatores externos, como complicações na gravidez ou eventos específicos, em vez de compreenderem suas bases neurobiológicas e genéticas.

Esse cenário reforça a necessidade de ações educativas que esclareçam de forma acessível e cientificamente embasada as características do TEA, promovendo maior compreensão entre os estudantes e ajudando a desmistificar mitos e preconceitos.

Após a análise das respostas sobre causalidade, passamos a investigar as percepções dos alunos sobre as implicações do autismo. Os próximos resultados referem-se à terceira pergunta realizada aos alunos do 1º ao 5º ano, com o objetivo de verificar se eles conseguem identificar as dificuldades enfrentadas por colegas com TEA no ambiente

escolar. Para isso, foi formulada a seguinte questão: "Quais dificuldades a criança autista pode ter na mesma classe que você?" A seguir, apresentamos algumas amostras das respostas obtidas.

Quadro 5 — Amostras das respostas dadas pelos participantes do Ensino Fundamental Anos Iniciais acerca das implicações sobre o Autismo.

GRUPOS	RESPOSTAS ANOS INICIAIS
G1	G1P9 - Ela pode escrever o nome errado.
G2	G2P3 - Pra ela saber o alfabeto.
G3	G3P6 - Escrever
	G3P8 - 8 – Não sei
G4	G4P3- Porque ler não escreve.
G5	G5P1- Não sei.

Fonte: Elaboração própria.

Na próxima tabela serão apresentadas as respostas dos alunos do 6º ao 9º ano, à mesma pergunta realizada aos Anos Iniciais: "Quais as dificuldades que a criança autista pode ter na mesma classe que você?".

Quadro 6 — Amostras das respostas dadas pelos participantes do Ensino Fundamental Anos Finais das implicações sobre o Autismo.

GRUPOS	RESPOSTAS ANOS FINAIS
G6	G6P8 - Falar sobre suas coisas da lição
G7	G7P7 - Brigas e <i>bullyngs</i> .
G8	G8P3 - Dificuldade de aprendizado.
	G8P7 - Ficar incomodado com barulho e não conseguir aprender direito.
G9	G9P1 - Processo de aprendizagem demorado. G9P4 – Não sei

Fonte: Elaboração própria.

Como podemos observar, as respostas dos alunos, tanto dos Anos Iniciais quanto dos Anos Finais, refletem concepções que se alinham ao entendimento do espectro autista. Esse reconhecimento pode ser mais acessível para os alunos, pois a questão em análise está diretamente relacionada à convivência social com uma criança com TEA. Aspectos

como comportamentos atípicos, variações no temperamento e nas habilidades de aprendizagem são características que, conforme estudos sobre percepção social infantil (Brito; Omote, 2014), se tornam mais evidentes e despertam a atenção dos pares, tanto dentro quanto fora do contexto escolar.

De acordo com Vygotsky (1989), a interação social desempenha um papel fundamental no desenvolvimento das concepções das crianças, influenciando como elas percebem e compreendem as diferenças. Esse processo se reflete nas respostas que os alunos fornecem e na maneira como eles enxergam a inclusão e o espectro autista. A teoria de Vygotsky sugere que, ao se envolverem socialmente com colegas que apresentam comportamentos atípicos, os alunos têm a oportunidade de ampliarem suas noções de normalidade e diferença, construindo uma visão mais naturalizada e favorável sobre esses temas.

Assim, o contato frequente com colegas que apresentam comportamentos atípicos contribui significativamente para a construção de uma percepção mais integrada e positiva sobre o autismo. Essa vivência social propicia uma compreensão mais empática e realista das características e necessidades dos indivíduos com TEA, facilitando o processo de inclusão escolar. Na tabela a seguir, são apresentadas as porcentagens das respostas dos alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, categorizadas em "desconhecimento" e "resposta favorável", evidenciando a frequência com que essas concepções surgem.

Tabela 7 - Frequência das respostas apresentadas por categorias – Ensino Fundamental Anos Iniciais

CATEGORIAS	G1	G2	G3	G4	G5	T	%
<i>Desconhecimento</i>	6	12	8	14	14	54	84%
<i>Resp. favorável</i>	5	1	2	1	0	9	16%
TOTAL	11	13	10	15	14	63	100%

Fonte: Elaboração própria.

Na próxima tabela, apresentamos as respostas em porcentagem dos alunos participantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, utilizando as categorias "desconhecimento" e "resposta favorável" para a seleção das respostas.

Tabela 8 - Frequência das respostas apresentadas por categorias – Ensino Fundamental Anos Finais

CATEGORIAS	G6	G7	G8	G9	T	%
<i>Desconhecimento</i>	8	10	6	4	28	70%
<i>Resp. favorável</i>	2	2	4	4	12	30%
TOTAL	10	12	10	8	40	100%

Fonte: Elaboração própria.

Na maioria dos casos, a criança com TEA manifesta outros comportamentos, como estereotípias, variações de humor e outras singularidades que influenciam sua interação e aprendizado. Esses comportamentos chamam a atenção, tanto de colegas quanto de professores, o que se reflete nas respostas dos alunos desta pesquisa.

Na primeira pergunta, em que os alunos foram questionados sobre como percebem a criança autista, ambos os ciclos revelaram certo desconhecimento. No entanto, ao serem indagados sobre o desenvolvimento da criança com TEA na sala de aula, observaram-se respostas mais favoráveis. Isso indica que, embora o conceito de autismo possa não ser plenamente compreendido, as dificuldades e os desafios enfrentados no convívio com um colega com TEA são percebidos e reconhecidos no contexto escolar.

As habilidades sociais, conforme apontam Rosin-Pinola, Del Prette e Del Prette (2007), são um componente importante no processo de escolarização, especialmente no desenvolvimento e inclusão de alunos com deficiência intelectual. Essas interações promovem uma maior compreensão e empatia, permitindo que os colegas reconheçam o impacto positivo de um ambiente inclusivo.

Considerações Finais

Os resultados apresentados neste estudo buscaram ampliar o debate das concepções de deficiência, ao analisar as percepções de 103 estudantes do Ensino Fundamental sobre o TEA. O foco central foi analisar as concepções desses estudantes sobre o autismo, com a participação de alunos do 1º ao 9º ano do ensino fundamental em escolas públicas do interior do Estado de São Paulo.

Os resultados indicaram que, principalmente os alunos mais jovens, apresentaram dificuldades em formular uma compreensão adequada do autismo, evidenciando a necessidade de programas educativos e informativos que auxiliem crianças e adolescentes na construção de concepções mais fundamentadas sobre essa condição. Essas iniciativas

são fundamentais para transformar o entendimento que as novas gerações possuem sobre a diversidade, proporcionando uma visão mais clara e livre de estigmas.

Estudar as concepções de crianças e adolescentes sobre o autismo é essencial não apenas para entender como eles percebem as diferenças, mas também para compreender como essas percepções influenciam suas interações no contexto escolar. Além disso, esse tipo de pesquisa fornece uma base para a implementação de práticas pedagógicas inclusivas, adaptadas às necessidades de todos os alunos.

A partir dessa investigação, educadores e profissionais da saúde podem identificar equívocos, estigmas e preconceitos que podem surgir no ambiente escolar. Com essas informações, é possível criar estratégias educativas que favoreçam uma convivência mais empática e acolhedora, criando um espaço seguro para todos os estudantes, independentemente de suas características.

Além disso, ao compreender as concepções emergentes entre os alunos, é possível desenvolver intervenções que não apenas promovam o respeito e a aceitação das diversidades, mas também contribuam para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, essenciais para a formação de cidadãos mais inclusivos e empáticos. Tais intervenções têm o potencial de orientar atitudes positivas desde cedo, ajudando a construir um ambiente escolar e social em que o autismo e outras neurodivergências sejam compreendidos e acolhidos com maior naturalidade.

Finalmente, promover essa compreensão do autismo no ambiente escolar não só contribui para a inclusão dos alunos com TEA, mas também para a formação de uma sociedade mais plural e respeitosa, na qual as diferenças sejam valorizadas e vistas como um fator enriquecedor.

Referências

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION — APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ARAUJO, Álvaro Cabral; LOTUFO NETO, Francisco. A Nova Classificação Americana Para os Transtornos Mentais – o DSM-5: the new north american classification of mental disorders ∴ DSM- 5. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, Eua, v., p. 67-82, 29 jan. 2014. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v16n1/v16n1a07.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2024.
- BRITO, Maria Cláudia; OMOTE, Sadao. Atitudes sociais de colegas de classe de alunos com Síndrome de Asperger na Educação Inclusiva. In: MARQUEZINE, M. C.; TANAKA, E. D. O.; BUSTO, R. M. (orgs.). **Atitudes sociais e concepções sobre inclusão**. São Carlos: Marquezine e Manzini: ABPEE, 2014.

DIAS, Isadora dos Santos Ferreira. **Percepções de crianças e pré-adolescentes sobre o transtorno do espectro do autismo**. 2013. 12 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Educação Especial, Universidade Estadual Paulista, Júlio de Mesquita Filho, Câmpus de Marília, Marília, 2023.

DIAS, Isadora dos Santos Ferreira; SOUZA, Maewa Martina Gomes da Silva e; CONCEIÇÃO, Aline de Novaes. Percepções de crianças e pré-adolescentes sobre o Transtorno do Espectro Autista. **Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, Campo Grande, v. 29, n. 67, p. 277–295, 2024. DOI: 10.20435/serieestudos.v29i67.1912. Disponível em: <https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/1912>. Acesso em: 3 dez. 2024.

GAIATO, Mayara. **S.O.S Autismo**: guia completo para entender o transtorno do espectro do autista. 6. ed. São Paulo: Nversos Editora, 2022.

MARTINS, Juliana dos Santos; CAMARGO, Sígla Pimentel Höher. A adaptação de crianças com autismo na pré-escola: estratégias fundamentadas na análise do comportamento aplicada. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 104, p. 5014, 18 abr. 2023. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. <http://dx.doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.104.5014>.

PIAGET, Jean. **Estudos Sociológicos**. Rio de Janeiro: Forense, 1976.

SOUZA, Maewa Martina Gomes da Silva e. **Concepções de crianças e adolescentes sem deficiência acerca da deficiência física**. 2014. 127 f. Mestrado (Dissertação em educação) - Curso de Pedagogia, Educação Especial, Universidade Estadual Paulista – Unesp/Marília, 2014.

SOUZA, Maewa Martina Gomes da Silva e. **Concepções de deficiência e atitudes sociais de crianças e adolescentes sem deficiência pertencentes a contextos sociais diferentes**. 2019. 162 f. Tese (Doutorado em Educação) - Curso de Pedagogia, Educação, Universidade Estadual Paulista, Júlio de Mesquita Filho, Câmpus de Marília, Marília, 2019.

ROSIN-PINOLA, Andréa. Regina; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; DEL PRETTE, Almir. Habilidades sociais e problemas de comportamento de alunos com deficiência mental, alto e baixo desempenho acadêmico. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 13, n. 2, p. 239-256, ago. 2007.

VYGOTSKY, Lev. Semionovitch. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Recebido: 17/02/2025

Aceito: 28/05/2025

Publicado: 11/06/2025

